

Director, editor e proprietário
Antonio Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4313

Notícias de Guimarães

A' Ex.ma

Sociedade Martins Sarmiento

Guimarães

— AVENÇA —

«De lés a lés de Portugal crepita, em altas labaredas, a chama do Amor Pátrio»

Numa manifestação colosal e de indiscritível entusiasmo, em que tomaram parte milhares de pessoas — gente de todas as idades e das mais diversas condições — a cidade de Guimarães, onde palpita latente o amor da Pátria — ou não tivesse partido daqui o primeiro grito de independência — afirmou, vibrantemente, a sua fé nos destinos de Portugal e verberou o mais enérgico protesto contra a usurpação estrangeira.

Pode dizer-se que nem uma só pessoa ficou indiferente àquele gesto de repulsa. Todos se associaram, de alma e coração, à manifestação promovida por um grupo de vimeanenses, dirigindo-se, em massa, para junto do Venerando Castelo de Guimarães, para ali mesmo, no Solar da Pátria, escutarem os oradores e lhe darem, no seu aplauso, a certeza de que estão ao lado d'Aquelles que nesta hora tão negra defendem a integridade e a honra de Portugal.

Falaram junto da Estátua do Fundador os srs. Adriano F. Costeira e Amorim Loureiro, estudante, respectivamente pelos trabalhadores e pela Mocidade Portuguesa, um e outro afirmando a sua indignação pela afronta a Portugal e prestando homenagem aos nossos Maiores.

A voz de um Goez

Falou a seguir o sr. Eduardo Aragão, empregado bancário, de origem Goesa, mas acidentalmente em Guimarães:

Ao me ser feito o convite para proferir algumas palavras nesta manifestação pública do povo desta acolhedora cidade de Guimarães, contra o nefando atentado à integridade Nacional ocorrido no nosso longínquo Estado da Índia, o meu primeiro impulso foi declinar tal convite — embora honroso — por reconhecer a minha pobreza de recursos, como orador, perante tão magno assunto. Porém, como descendente de goeses que me prezo de ser, não podia de modo algum frustrar-me a aquiescer à honra do convite — que agradeço penhorado — e, aqui estou, a cumprir o que considero um dever.

Embora Moçambicano por nascimento, conheço os hábitos e costumes da gente Indo-Portuguesa. Ouvi-os, de pequeno, da boca de meus pais. São, hoje, os hábitos da minha casa.

Foi-me dada agora oportunidade de constatar, por essas aldeias aqui do continente, que os hábitos e costumes da gente das aldeias da Índia, foram efectivamente levados pelos portugueses de antanho, tal a afinidade entre ambos.

A completar a gradual comunhão dos dois povos, teve papel preponderante o Cristianismo, profundamente arraigado no coração do povo goês, que venera o Santo que levou, propagou e enraizou na Índia, a palavra de Jesus. E a tal ponto que, ainda hoje, volvidos séculos, raro é o indo-português que, indiferente a todas as influências externas, professe outra religião que não seja a Cristã.

Foi ainda em Goa que se evidenciaram e — no dizer do nosso épico — «da lei da morte se libertaram», vultos insígnias da nossa história, entre outros assumando o de Afonso de Albuquerque, o inclito capitão que fez Goa grande.

Tudo atesta, pois, uma estreita e íntima comunhão espiritual secular entre Portugal e nosso Estado da Índia, que força alguma poderá dissolver.

Os indo-portugueses, orgulhosos de viver em paz sob a bandeira das quinas, repelem com veemência quem lhes venha impor outra bandeira. São portugueses pela Língua, pela Religião, pelos hábitos e costumes e, principalmente, pelo coração.

E lutarão por continuar a ser portugueses.

Neste momento grave na vida da

Também nós, vimeanenses, ascendemos a esta colina sagrada da história, com o pensamento em nossos irmãos que nas paragens longínquas do Oriente estão dispostos a lutar heróica e bravamente pelo nome glorioso de Portugal.

Nação Portuguesa e neste lugar sagrado, berço da fundação da Mãe-Pátria, é com orgulho que eu junto a minha voz de indo-português ao veemente clamor de protestos que, desta histórica cidade de Guimarães, se levantam contra o vil atentado às terras bem portuguesas do nosso Estado da Índia. Viva a Índia Portuguesa! Viva Portugal!

Falou o dr. Hugo de Almeida

Seguidamente usou da palavra o sr. dr. Hugo de Almeida, presidente da U. N. Concelhia, começou por dizer:

— Sempre o povo de Guimarães soube nas horas de exaltação ou de desdita manifestar a sua solidariedade com a alma nacional.

Hoje, lá longe, na Índia Portuguesa, em queicários dum Governo que se diz pacifista mas actua e procede sem o mínimo respeito pelos nossos direitos históricos, atentando contra a nossa soberania, eis que a alma lusitana sempre alevantada e digna, heróica e destemida, vibra de repulsa e de indignação, a atestar ao mundo que os portugueses de hoje como os de outrora continuam ciosos da sua independência e firmes na sua dedicação à causa nacional.

Em face deste grandioso movimento de amor pátrio não podia a gente vimeanense ficar indiferente e por isso aqui viemos em romagem patriótica até junto da estátua do Fundador manifestar a nossa mais vigorosa repulsa por tão vil atentado contra a integridade do território nacional.

Foi aqui, junto às pedras tismadas do Castelo de Mumadona, que se forjaram as armas e as almas que em lampejos de heroísmo transformaram o Condado Portucalense numa nação livre e independente.

Foi aqui sob este céu polvilhado de estrelas que germinou o sonho da independência que o moço príncipe D. Afonso converteu numa esplendorosa realidade. Daqui partiram as investidas contra a moirama que o povo de Entre Douro e Minho havia de submeter e rechazar a golpes de heroísmo e de bravura.

E mais adiante:

— Andámos pela Índia numa missão civilizadora.

E se as descobertas nos trouxeram momentos de glória, de prestígio, de esplendor, também, por

vezes, nos envolveram de luto, de profunda tristeza.

De quantas lágrimas, de quantas tragédias não foram testemunhas as salvas águas! Fios de lágrimas que eram fios de pérolas, cristalizando o mais puro, o mais lídimo patriotismo.

E assim, a golpes de audácia, de heroísmo, de dor, cruciante e amarga, contornámos a África e chegámos à Índia. E lá longe, apesar de decorridos tantos séculos, a acção civilizadora de Portugal ainda é recordada com devoção e assinalada por padrões imorredoiros. A alma de S. Francisco Xavier ainda paira por aquelas regiões e sob a sua santa invocação ainda se acolhem muitos crentes.

Do nosso Império na Índia restam como marcos históricos Diu, Damão e Goa que valem, não pela extensão, pela riqueza, mas como símbolos dum passado tecido de grandeza. E, sem respeito pelo fulgor espiritual que nimbava esses luzeiros da nossa acção civilizadora, os partidários de Nheru, sequazes duma política de latrocínio, sob o disfarce hipócrita e ignóbil do pacifismo, pretendem subtrair-nos esses padrões de glória, num dos mais vil atentados às regras da moral, do direito e da verdade histórica.

E a terminar:

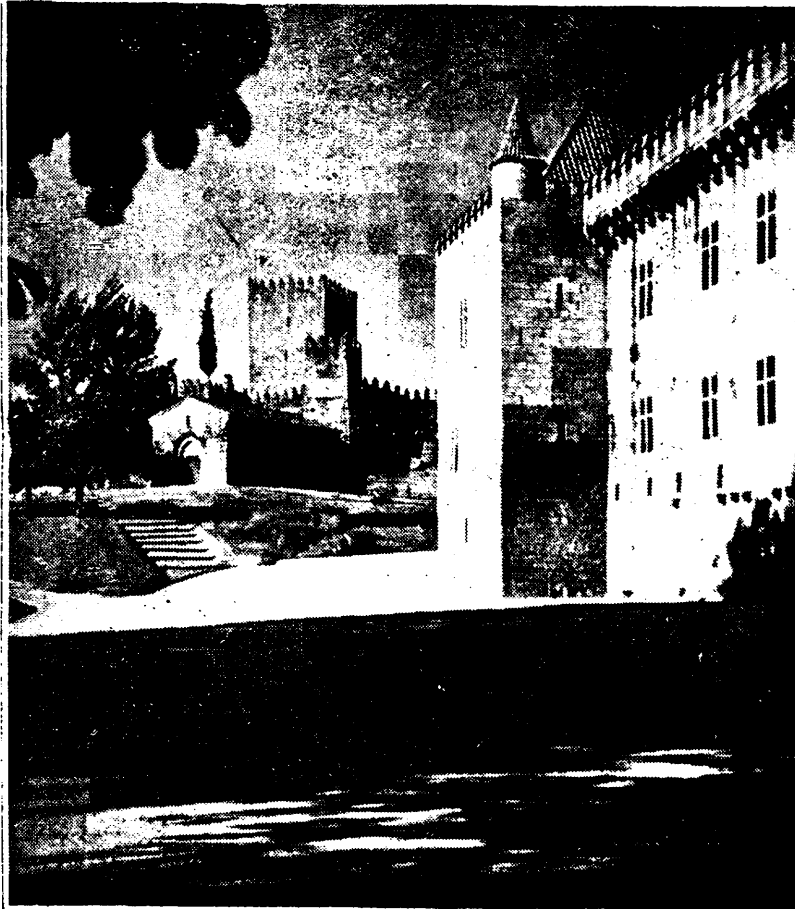
— Em holocausto às investidas dos energúmenos já correu sangue

Continua na 3.ª página.

Declarações dum membro categorizado da colónia portuguesa no Brasil

O sr. comendador Albano de Sousa Guise, figura muito conhecida da colónia portuguesa no Rio de Janeiro e nosso ilustre conterrâneo e Amigo, declarou aos jornalistas ao chegar, quarta-feira, de avião, a Lisboa:

— Toda a imprensa está ao lado de Portugal e o povo brasileiro também. A colónia portuguesa sofre como todos os portugueses que vivem em Portugal e nas ilhas, no Ultramar, e a sua indignação é enorme. Há uma vibração integral do povo e das autoridades brasileiras perante a agressão desses mercenários vendedores da Pátria que os formou e os fez algéum. Por toda a parte se sente vibrar a indignação perante tão miserável ataque à soberania de Portugal.



A Colina Sagrada: o Castelo da Fundação — a Igreja de S. Miguel, onde o nosso 1.º Rei foi baptizado, e o Paço dos Duques de Bragança

O MEU APLAUSO!

Festas e romarias, eu as preconizo, defendo, reclamo. Julgo-as tão necessárias na ordem social, como o ar que respiramos.

São, na economia dos valores, um valor activo.

Festas e romarias, podem não se gozar, mas não se condenam.

Toda a função popular visa um fim: dar mais vida à própria vida.

Nem sempre reina o advento das festas e romarias. Um calendário as determina. A psicose popular as protege e requere.

Nunca se dispensam. Sejam de carácter cívico ou religioso, locais ou nacionais, estão na ordem do dia. Fazem parte

das necessidades vitais do povo.

Quem tente reduzi-las, sufoquá-las, pratica um erro. Quase direi, uma iniquidade.

Quem ama o povo, ajuda-o a amparar as suas festas e romarias. Elas são um alimento específico de que se nutre a sua natureza.

Ainda eram frágeis os alicerces políticos do Estado português, e já os Municípios eram os realizadores e zeladores de festas, feiras e romarias.

As actividades económicas andavam a-par destas animadas actuações.

Tão dominador é o sentido das festas populares que, dir-se-ia, são a carne, o sangue, os nervos da grei.

Sempre sobre o globo, na sua órbita social, as festas e romarias vicejaram. Com mais ou menos colorido, sempre o homem se deu ao prazer de as realizar. Seja no culto dos Santos, em exaltação dos acontecimentos da História, nas passagens cíclicas do tempo, sob fundamento dum sucesso ou pretexto transitório, sempre as festas e romarias justificam a sua razão de ser.

Sendo, pois, as festas e romarias factor tão principal do viver do povo, necessário se torna orientá-las e servi-las.

Há quem defenda o princípio da revisão e renovação das festas e romarias.

Seja. Tudo na vida está sujeito a uma linha de evolução e de reforma.

A própria existência dessas quermesses abertas à emotividade da alma popular, requerem arejamento condicionado ao tempo, à época, à hora que passa.

Mas cuidado! Não estragar o sabor antigo de certas festas e romarias. Em nome da cultura popular, insuflemos, sempre que possível, vida nova às festas e romarias.

A ideia regionalista está na ordem do dia. As paradas etnográficas do trabalho, dos costumes e usos do povo, brilham, fulgem. Estão em plena actuação. Um bom cartaz as chama.

Decorrem animadas as Festas da Cidade

Ao som alegre do Hino da Cidade, executado por diversas filarmónicas e pelo carrilhão de S. Pedro e do estalejar de foguetes, iniciaram-se ontem as nossas festas tradicionais que serão, todos o sabem, nova afirmação de baírrismo.

A cidade recebeu a visita de milhares de forasteiros, nacionais e estrangeiros, estando repletos os Hotéis e Pensões e muitas casas particulares. O programa de ontem foi cumprido fielmente, tendo sido concorridíssimas as Feiras Francas.

Esteve muito animado e concorrido o festival minhoto, no Campo da Feira, onde tocaram duas bandas de música, agradando muito o fogo de artifício.

As Festas prosseguem hoje e amanhã com o programa estabelecido.

EFEMÉRIDE

No ano de 1906 as «Gualterianas» realizaram-se em 1, 2 e 3 de Agosto.

Festejos brilhantes, com duas touradas, em que tomaram parte Manuel dos Santos (1), José Casimiro e Morgado de Covas.

O concerto principal do Jardim esteve a cargo da Banda de Música de Mirra. A destacar a presença, a Banda de Música de Infantaria 20.

A «Marcha Milanesa» fora dirigida pelos Professores José de Pina, Abel Cardoso e Padre Roria.

Integraram-se no programa as festas militares de 31 de Julho, em comemoração das vitórias portuguesas sobre tropas napoleónicas.



Dr. Augusto Ferreira da Cunha
Presidente da Câmara Municipal

Terrinha portuguesa, como é a nossa, fica-lhe bem aos seus brlos a ideia dum cortejo histórico.

S. Gualter, por exemplo, daria a tectura de um belo auto, a representar na base do Castelo medieval.

Por tudo isto e o mais que me perpassa, e esvoaça em mente, meu brado altíssimo-nante:

— Homens da minha terra: ajudai quantos ajudam a celebração das festas e romarias do nosso calendário!

Se nem só de festas e romarias vive o povo, sem elas pior vive.

Festas e romarias, não debelam as nossas crises? E' certo. Contudo, são nessas crises um oásis. Amenizam. São tónico de saúde.

Amanhã serei forasteiro na própria terra natal. Quero abraçar, através os arcos floridos das ruas do nosso Bur-

VALOR HISTÓRICO DE GUIMARÃES

Fez um ano que Guimarães festejou o Milenário da sua Fundação e o Centenário de elevação a Cidade!

Esse passo histórico que está ainda na recordação de todos pelo brilho, solenidade e grande pompa de que se revestiu, ecoou por todos os cantos da Pátria Lusitana, atravessou fronteiras e eis que os filhos dilectos da Pátria querida, os estudiosos e apreciadores da Arte acorrem dia a dia com mais intensidade à velhinha Vimeanense. Tomar contacto com essas pedras do resto das muralhas, o Castelo, a Igreja românica de S. Miguel do Castelo, o Paço dos Duques de Guimarães e Bragança é sentir pulsar ainda o sangue sem mácula dos nossos Maiores de antanho, é recordar os primeiros passos, o alvorecer duma Nação que mais tarde se cobriu de glória pelos Valores e Feitos de seus Homens.

Guimarães é o centro donde

irradiou uma civilização com a sua língua e costumes próprios, civilização que se estendeu aos quatro cantos da Lusitânia, atravessou mares nunca dantes navegados e estendeu-se, deixando vestígios através das cinco partes do mundo...

Não admira portanto que portugueses, grandes e plebeus, nos seus roteiros anuais se não esqueçam de subir ao Altar da Pátria a contemplar essas pedras venerandas...

Assim o têm compreendido todos, desde o Chefe do Estado ao Chefe do Governo e ultimamente o Sr. Ministro das Obras Públicas que aqui veio num estudo pormenorizado do Plano de Urbanização e necessidades mais urgentes da nossa Terra.

Nem outra coisa era de esperar depois do caminho trilhado pela nossa edilidade, o estudo e aprovação do referido Plano de Urbanização

Continua na 2.ª página



S. Gualter — Patrono das Festas da Cidade

UMA RESPOSTA

Coincidiu com a publicação neste jornal de uns apontamentos meus sobre o conceito da democracia uma transcrição no «Correio do Minho» de considerações do notável publicista Dr. Alfredo Pimenta, aduzidas no período da sua vida em que se manifestou adversário acérrimo da soberania popular.

Alguém viu nessa coincidência propósitos de me atingir. Ponho nisso grandes dúvidas. Nem nos meus artigos, de simples elucidação imparcial, procurei fazer propaganda de ideias, nem eles podiam merecer, no minguado do seu valor, a atenção de um diário importante como o «Correio do Minho».

Acresce que o «Correio do Minho», expressamente, se dirige aos «primários» de atrasada mentalidade, e eu não sou primário nem primaz, nunca pude passar além de uma simples licenciatura, e, quanto a mentalidade, não é pelo que ela tenha de retrógrado que terei sido incómodo para os de espírito avançado, entre os quais o «Correio do Minho» tanto brilha.

Mas para que se não julgue que tenho hoje, depois de nunca ter tido, qualquer receio de afirmar e defender as minhas convicções, vou escrever duas palavras acerca da lição do Sr. Dr. Alfredo Pimenta, com que o «Correio do Minho» ilustrou e honrou as suas colunas.

Comecarei por notar que me não parece digno de mentalidades superiores esgrimir com o pensamento alheio. Cada um forma a sua opinião pelo seu próprio discernimento; que as locubrações dos outros não aproveitem como apoio, está bem, mas, acima de tudo, é o nosso raciocínio que deve prevalecer.

A opinião do Sr. Alfredo Pimenta pode ter um grande valor para todos aqueles que se lhe aparentam em carácter e mentalidade e que, num esforço entendedor de saudosa camaradagem, lhe enaltecem a memória. Num caso, porém, como o do seu pensamento político, em que ele foi tão extraordinariamente versátil, a escolha das afirmações da sua última fase de concepção filosófica é infeliz, porque, para atacar a democracia com o raciocínio alheio, haveria onde buscar argumentação que revelasse maior firmeza e sinceridade.

Atribua o Sr. Alfredo Pimenta a Augusto Comte a opinião de que nunca os inferiores podem escolher os superiores; e daí conclua, na sua confusão de parlamentarismo com democracia e de soberania popular com soberania da maioria, que não podem os governados, sem competência para as funções de governo, escolher os governantes, porque de tal resultaria serem as funções de governo, em última análise, exercidas por incompetentes. Quer isto dizer, em linguagem vulgar: como eu não tenho competência para fazer sapatos, não posso escolher o meu sapateiro.

E' pouco para condenar e negar a democracia.

Também entendia o Sr. Alfredo Pimenta que da discussão, geralmente, sai mais treva do que luz; é certo que reconhecia ser essa sua opinião contrária à de muita gente, mas agarrava-se a ela para condenar o parlamentarismo, que definia como mistificação profundamente enraizada no quadro dos vícios irremediáveis. Essa mistificação existe, porém, com raras e infelizes excepções, em todas as nações do mundo, a começar pela portuguesa,

go, os meus queridos conterrâneos. Todos quantos amam a nossa terra.

Sejam os primeiros, neste fraterno abraço, aqueles que vêm de longe, com o coração palpitante de nostalgia.

Bendigo os obreiros activos das Gualterianas!

A. L. DE CARVALHO.

e ninguém dirá das discussões da nossa Assembleia Nacional que elas tenham sido simples «justas de palavras», como qualificava o Sr. Alfredo Pimenta as discussões parlamentares.

Dizer que da discussão sai mais treva do que luz é, salvo o devido respeito pela memória de Alfredo Pimenta, que, por mim só, nunca me atreveria a perturbar, falta de senso e a negação da evidência. Então para que é que o Dr. Alfredo Pimenta levou toda a sua vida a discutir, até com ele próprio?

Afirmava também Alfredo Pimenta que a democracia se baseava no número e fazia depender a verdade da opinião da maioria; por isso ele a condenava. Convinha ao Dr. A. Pimenta, para facilitar os fins que pretendia atingir, pôr assim a questão; não está certo; mas nada me custa aceitá-la, tal e qual.

A verdade, ou, mais propriamente, a decisão útil, na democracia, não depende do número; depende da discussão livre de todas as opiniões; do embate dos argumentos, da troca de ideias, da ponderação das razões, da conjugação dos interesses, da resultante em que se combinam e a que se resumem as inteligências e vontades manifestadas no decorrer do estudo a que o problema foi submetido.

Não é natural nem lógico que a maioria se forme em volta do erro. A admitir-se o contrário, não haveria governos possíveis; se na minoria tivesse de estar a razão, as oposições, que são sempre, pela sua própria natureza, minorias, estariam sempre triunfantes.

Não há governo nenhum convencido de que detém o poder contra a vontade da maioria nacional; portanto, dentro da lógica de A. Pimenta, todos os governos procuram no número a sua justificação; ora, se é no número menor, fora da maioria, isto é, no número da oposição, que a verdade, por via de regra, se encontra, então deixariam de existir governos para darem lugar a ditaduras contra a maioria da nação.

Não vale a pena insistir. De resto, para contrapor à «Teoria da Democracia» vista por Alfredo Pimenta, se não tivesse a faculdade de recorrer ao meu próprio raciocínio, não me faltaria uma imensidade de grandes capacidades intelectuais, de reputação mundial, na ciência política e filosófica, para citar, e o exemplo das maiores e mais progressivas nações do mundo civilizado para reforçar a teoria com a prática.

Muito embora de folganças, Em que se ria e bailava, Era jornada de esperanças, Em que a Fé se avigorava!

Oh! Que linda romaria Esta do Cramol da Costa, Em quadra de calmaria... — Toda a gente dela gosta!

Oh! Que linda romaria Esta do Cramol da Costa, Em quadra de calmaria... — Toda a gente dela gosta!

APENAS SAUDAR

Estão a decorrer as Gualterianas e os Vimaraneses, continuando a manter a sua habitual tradição de povo hospitaleiro e da sua ardorosa devoção bairrista, preparou-se para receber os forasteiros com aquela galhardia que lhe é peculiar, dispensando-lhes assim — e mais uma vez — um ambiente de agradáveis e pitorescas atracções.

Guimarães, terra bendita pelo seu glorioso passado e pelas suas virtudes cívicas que constituem o apanágio da sua História como símbolo sagrado da Fundação da Nacionalidade, tem sido, é e continuará a ser a imagem sublime e radiosa de uma Pátria soberana e dignificada, porque foi aqui que nasceu Portugal, formoso jardim à beira-mar plantado!

Nesta ocasião, em que dentro dos seus muros se encontram milhares de forasteiros, nacionais e estrangeiros, eu, humilde colaborador deste simpático jornal, saúdo-os com fervorosa e sincera simpatia e faço os votos mais ardentes para que levem deste encantador cantinho minhoto perduráveis e gratas recordações.



António Emílio da Costa Ribeiro Presidente do Grémio do Comércio

«O São Tiago da Costa»

(GRATA VISÃO DO PASSADO)

No sopé do lindo monte, Onde o nosso olhar se embrenha Sorvendo, em franco horizonte, Belezas da nossa Penha...

Como esmalte entre vergéis, Bebendo as frondes da encosta, Entre acácias e lauréis, Surge o Convento da Costa!

E, sendo da Freguesia A Santa Marinha — o Orago, O povinho, em primazia, Festejava o São Tiago!

A vinte e cinco de julho, Por um afecto votivo Tinha então um certo orgulho Do seu *cramol* colectivo!

Vinha a Virgem do Rosário D'Atães e mai-l'A d'Urgez, A pedir, em seu ladário, Que os livrasse de reveses!

E, lá do alto da Serra Vinha Santa Catarina, Que da gente a fé sincera Chamava a «Santa Menina»!

Olhai: que ricos andores Já chegam ao arraial! — São pirâmides de flores... Por certo, não há igual!

Oh! Que linda romaria Esta do *Cramol da Costa*, Em quadra de calmaria... — Toda a gente dela gosta!

Muito embora de folganças, Em que se ria e bailava, Era jornada de esperanças, Em que a Fé se avigorava!

A vinte e cinco de julho, Por um afecto votivo, O povo subia a encosta E tinha então certo orgulho Do seu *cramol* colectivo: «O São Tiago da Costa».

(Do livro em preparação: «Vimaranes d'Antanho»)

Moças de lábios rosados Oiercem cravos e amores Aos rapazes esforçados Que vêm pegar aos andores.

Senhora das sementeiras, Não nos falte o vosso afago! Cobri-nos de grão as eiras! — São Tiago, pinta o bago!

A canícula de julho Pode trazer um mau ano! — Nos milharais o gorgulho E a *morca* fazem seu dano!

Milhão de espiga e bandeira, Cachos d'uvas com pintor! — Bendito o lagar e a eira, Virgem mãe do nosso amor!

Tangem sinos no Mosteiro, Vai terminar a função! — Vejo os andores no Terreiro, — Vão partir com emoção!

Adeus, Senhora d'Urgez! Adeus, Senhora d'Atães! Que venhais cá muitas vezes E venhais por Guimarães!

Adeus, ó mártir Formosa, Virgem Santa Catarina! — E's como um botão de rosa De beleza peregrina!

E entre vébias saudosas, E lenços brancos no ar, Vejo faces lacrimosas... — Olhos de muito chorar!

Ai, no sopé do Monte, Onde o nosso olhar se embrenha, Sorvendo, em lindo horizonte, Belezas da Nossa Penha...

A vinte e cinco de julho, Por um afecto votivo, O povo subia a encosta E tinha então certo orgulho Do seu *cramol* colectivo: «O São Tiago da Costa».

(Do livro em preparação: «Vimaranes d'Antanho»)

MEENDES SIMÕES.

O Sol da nossa Terra

No domingo à noite, na Penha, num cenário maravilhoso e bem apropriado, os componentes do grupo cénico «14 de Julho» tiveram a feliz ideia de fazer representar — e fizeram-no com muita arte — a peça encantadora que Delfim de Guimarães escreveu, intitulada «O Sol da nossa Terra».

Merecem louvores e aplausos os rapazes do «14 de Julho».



Deputado Cap. José M. P. Leite de Magalhães Couto Presidente do Grémio da Lavoura

Carta a uma Senhora

Minha Senhora Na ocasião em que lhe escrevo esta carta, que desta vez ficará quase reduzida à categoria de um simples bilhete postal, encontra-se a cidade sob a azáfama de se preparar para receber condignamente os milhares de forasteiros que virão assistir às tradicionais Festas Gualterianas, cujo programa será cumprido, como sempre, com escrupulosa sensibilidade bairrista.

Os Vimaraneses, que já construíram uma Praça de toiros em cinco dias perante a tragédia de um misterioso incêndio que destruiu por completo a então existente, são escravos das qualidades e das virtudes que os seus antepassados lhes legaram e, bem assim, da nobreza dos seus padrões de glória e dos seus pergaminhos.

Por isso, minha Senhora, se vier assistir às referidas Festas, pelo menos ao deslumbrante e caprichoso cortejo luminoso «Marcha Gualteriana», símbolo de vida e de expressiva dedicação bairrista dos activos e empreendedores Empregados do Comércio, V. Ex.^a, queria eu dizer, terá a oportunidade de verificar que em Guimarães se presta o devido culto ao substancial conceito popular «Querer é poder».

De facto, minha Senhora, o conceito de que lhe falo representa, quer se trate do presente, quer do futuro, a projecção da própria vontade...

Sem mais, subscrevo-me De V. Ex.^a Julho de 1954 cd.º ven.º e obg.º X.

lados pais, que ficaram mergulhados em enorme dor. O funeral da desventurada criança realizou-se ante-ontem para o Cemitério Municipal.

Valor histórico de Guimarães

Continuação da 1.ª página

que há muito esperávamos. E agora?

O principal está feito. Há um Plano que é preciso cumprir-se.

Resta começar pelo que há de mais urgente.

De há muito vimos lembrando o arranjo do Parque do Castelo e o Campo de S. Mamede que, tal qual se encontram, nos envergonham. E' uma barbaridade manter aquela Colina a campo de erva e o Campo de S. Mamede a feira de gado.

Felizmente não somos só nós que assim pensamos. No último número do «Notícias» refere-se ao mesmo assunto o insigne e fecundo publicista A. L. de Carvalho, com aquele calor e bairrismo que lhe é peculiar.

A seguir, estaria indicado dar acesso amplo àquele conjunto histórico, abrindo a malfadada rua do Picoto, desviando assim do centro da cidade para a estrada de Braga o movimento quer do Castelo, quer do Campo de jogos. O cotovelo da Rua de S. Dámaso e o prolongamento da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra dando acesso ao Largo da República do Brasil, Avenida D. João IV e Estação seriam também de primordial importância.

E' preciso que os turistas que nos visitam, quer em passeio quer em embaixada de patriotismo, não continuem a esbarrar com embaraços, falta de cortesia e desleixo que mostramos por esse Património Sagrado, Relicário da Fundação.

E se isto por si só vale para que nós nos regosijemos e orgulhemos de sermos vimaranenses, ao Governo da Nação não resta a menor dúvida que terá no melhor conceito a cidade Mãter da Pátria.

Tudo o que se faça por Guimarães nunca é de mais, dado o seu valor histórico, comercial e industrial.

Além disso, estudando a população das diversas cidades de Portugal, verifica-se que Guimarães figurava à cabeça como uma das cidades de maior população. Depois de Lisboa a segunda cidade em população era Guimarães, que se igualava a Coimbra no início da Dinastia Joanina.

E' assim que Rebelo da

Cantinho de... graça

Bem queria eu ter a facultade de, nestas simples linhas, traduzir o que me vai na alma. Não o sei fazer. Perdoem-me. Aceitai porém a verdade com que escrevo reflexo puro do meu sentir.

Quando este querido jornal — do meu bom Antonino — andar já nas mãos de muita gente através do país, está a linda, histórica e laboriosa cidade de Guimarães em festa.

AS GUALTERIANAS

Conheço-as de menino, pois fiz parte delas num dos números mais interessantes e que era sempre muito apreciado. Esse número



Benjamim Ferreira Presidente do Grémio da Marinha Gualteriana

Silva, em «Memórias sobre a População e a Agricultura de Portugal», nos revela os habitantes das diversas cidades e vilas de Portugal nessa época:

Apenas 12 localidades ultrapassavam uma população de 10.000 habitantes. Lisboa, a capital, com 63.000 habitantes. Seguiam-se-lhe, com idêntica importância populacional, Guimarães, Coimbra e Evora (21.300 habitantes); Santarem (21.000 h.). Depois em ordem decrescente: Beja (17.000 h.); Setúbal (13.800); Almada (12.000); Braga (10.600); Guarda, Torres Vedras e Faro. E' claro que estes números não são rigorosos, pois que o primeiro recenseamento feito em Portugal data de 1752, mas por eles podemos avaliar a importância de cada uma destas cidades. Não poderemos, creio, voltar ao apogeu antigo, mas por todas e mais esta razão necessitamos de elevar o nosso nível e categorizarmo-nos entre as melhores cidades portuguesas.

J. SOARES LEITE.

Eles e Nós

Em todo Portugal e seu império se tem levantado os maiores e os mais enérgicos gritos de acentuada revolta e de veemente protesto contra a violação da integridade da Pátria, levada a efeito por um bando de mercenários a soldo da hipocrisia e da traição do Pandilha Nehru, o principal responsável por tão vil e tão brutal atentado contra a soberania de uma Nação que levou à própria Índia a luz da civilização e o Amor da Cruz de Cristo.

O Sr. Nehru, mascarado árbitro da paz, lobo faminto com a pretensão de se apresentar aos olhos do mundo como manso e pacífico cordeiro, ignora, por certo, o direito e a justiça que Portugal tem na posse desse domínio, que não foi comprado nem roubado, mas sim adquirido à custa do heroísmo, da inteligência e do sacrifício dos portugueses de antanho, que lá foram levar o Sol redentor de novos mundos abertos ao mundo!

Portanto, a repulsa e a indignação de todos os portugueses espalhados pelo mundo contra o Sr. Nehru e os seus sequazes é oportuna e expressiva.

A. B. C.

era constituído pela Tuna da União dos Empregados no Comércio do Porto — que na sua totalidade eram caixeiros-amadores de música — dirigidos por o maestro Francisco Pinto de Queiroz, ilustre músico do Porto.

Eramos cerca de 90 figuras e aí em Guimarães recebiam-nos estrondosamente. Tocávamos no coreto do jardim, o qual era aumentado. Todos nos distinguíamos e foi assim que eu toquei — há tantos anos! — o lindo hino de Guimarães.

Estou agora na janela da saudade a ver desfilar as recordações e vejo tantas, tantas, que chego a ter pena de já ser velho.

No entanto resta-me ainda calor para — em voz vibrante — entusiasmando, lançar uma saudação à nobre e linda Guimarães. Saudar a sua laboriosa e bairrista população e fazer votos para que Guimarães seja sempre afortunada, distinguida e para que as Gualterianas continuem a marcar como sempre, enlevando os nossos olhos para orgulho dos queridos vimaranenses.

.....

Agora curvo-me reverente e saudoso aos pés de Guimarães — a formosa — ergo os meus olhos para a Penha — desço-os até aos Santos Passos e dirijo-os até ao Castelo, olho Afonso Henriques e brado:

— Viva Guimarães!

E muito comovido nesta hora que passa, grito alto — que se ouça na Índia: Viva Portugal!

Aija Zuet

Fábrica de Tecidos do Olival

Apresenta algo de novo no fabrico de ESTOFOS-COLCHAS—ATOALHADOS, na indústria vimaranense.

Uma visita ao seu Stand de exposição, na Av. Conde de Margaride n.º 6, deve merecer de quem nos visita ou aqui vive, um interesse especial.

José Laranjeiro dos Reis agradece uma visita.

FÁBRICA — Rua da Caldeirão, 70

TELEFONE 40439

EXPOSIÇÃO — Av. Conde de Margaride — Stand 6

DESPORTO

SOBRE FUTEBOL POPULAR

Está a decorrer na nossa terra, cremos que organizado pelo Vitória e debaixo do patrocínio de um jornal local, um campeonato de futebol a que concorrem diversos grupos populares.

Não recebemos qualquer comunicado ou notícia sobre o mesmo e assim tudo quanto podemos dizer sobre o seu regulamento ou decorrer é produto de observação e portanto susceptível de não corresponder à verdadeira realidade. Mas de qualquer modo o acontecimento existe e merece lógicamente análise observativa.

Ocorre-nos, logo em primeira hipótese, dúvidas sobre a sua legalidade. Conhecemos a existência de um despacho da Entidade Superior que não permite a cedência dos campos dos clubes legais aos chamados populares. Dizem-nos que essa dificuldade foi torneada integrando essas agremiações no Vitória, numa secção de nome *Popular*, onde certo número de sócios dessas colectividades se inscreveram como associados do Vitória.

Pergunta-se, imediatamente, se a Direcção do Clube procedeu bem ao criar uma secção não prevista no Estatuto, deixando existir sem regulamento próprio, há tempos sem conta, secções que o mesmo Estatuto taxativamente obrigam a tê-lo?

Mas mesmo que a solução seja a conveniente — o que duvidamos — por outro lado se nos levanta ainda o problema da legalidade do torneio, pois aos clubes filiados na orgânica do Desporto está, durante o período do defeso, proibida a prática do futebol, seja de que forma for.

... E está proibido, pois a época de verão por temperaturas excessivas é prejudicial à saúde dos praticantes do jogo da bola. Ergue-se assim imediatamente uma nova questão e esta, quanto a nós, de pior efeito ainda — os sócios de um clube filiado estão a praticar futebol no defeso contra o estabelecido na lei geral.

Sabemos ainda — e disto temos a certeza — que os vários jogadores que interferem no torneio não foram previamente observados por um médico de modo a serem também legalmente autorizados a praticarem a modalidade sem prejuízo da sua saúde.

Em plena época de canícula e sem observação médica é tudo quanto há de mais atencioso para o bom conceito em que deve ser tido o Desporto, esta transigência!

Ainda outras considerações tínhamos a fazer, porque existem, mas não queremos para já apontá-las. Tratamos o caso na generalidade, sem receio de errarmos, pois temos a certeza que somente por ânimo leve de quem tem responsabilidades ou ainda por pouco conhecimento da legislação desportiva é que se praticou este erro. E lamentável que tal tenha acontecido, mas tudo que sai errado e depois é sinceramente corrigido, merece ser perdoado. Ainda se está a tempo de pôr a casa em ordem e isso é o que ardentemente desejamos, pois não temos outra qualquer intenção reservada, embora nestas circunstâncias muitos queiram ver, com o que escrevemos, o diabo por detrás da porta... Lembrem-se que o Vitória não é um clube qualquer.

UM DE NÓS.

O cobrador Meira

Amanhã, dia 2, completa 22 anos de actividade no Vitória, que tem servido com a melhor dedicação, o sr. José Meira, a quem felicitamos.

Capitão João Gomes de Abreu Lima

AGRADECIMENTO

A Família do saudoso extinto julga ter agradecido a todas as pessoas e corporações que lhe manifestaram o seu pesar e a honraram com a assistência aos actos fúnebres, mas receando que, involuntariamente embora, alguma falta tenha cometido, vem por este meio repará-la, manifestando publicamente seu profundo e indelével reconhecimento a todos quantos compartilharam do seu grande desgosto.

Guimarães, 31 de Julho de 1954.

A FAMÍLIA.

BRANCAS

A acreditada Água de Colónia **Min-Hór**

faz regressar, em poucos dias, os cabelos à cor que tinham de antes. Este maravilhoso efeito é devido à acção do oxigénio do ar sobre o pigmento capilar, combinado com princípios essenciais de

MIN-HÓR

Usa-se como uma loção ao pentear-se.

LIMPO, SIMPLES, SEGURO. NÃO É TINTURA.

Vende-se na

FARMÁCIA "HÓRUS" — GUIMARÃES

BRIQUETES PEJÃO

INDÚSTRIA — AQUECIMENTO — COZINHA

A Competidora de Representações, L^{da}

R. da Rainha n.º 115 — Tel. 4523 GUIMARÃES

COMBÓIO-RECREIO

A C. P. no intuito de melhorar o serviço de transportes de passageiros de Guimarães para Vizela, acaba de pôr em execução além do horário existente mais um comboio-recreio aos domingos partindo da estação desta cidade às 15,05 para regressar de Vizela às 18,45, para assim facilitar a visita aos domingos àquelas terras.

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WERNOSCHNEIDER & C^{ia}, L^{da}

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 Comp. 21 404 PORTO

Para INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS de qualquer género consultem:

J. MONTENEGRO

TUDO PARA ELECTRICIDADE

= ORÇAMENTOS =

Largo 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510 GUIMARÃES

Anunciar no NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

José Gonçalves

AGRADECIMENTO

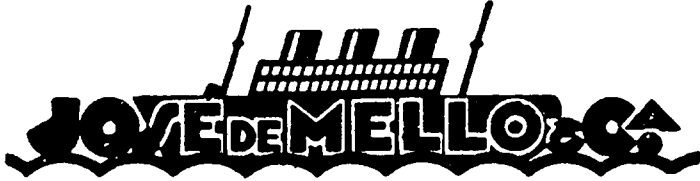
A Família do saudoso extinto querendo manifestar a sua gratidão a todas as pessoas amigas que a confortaram, com tantas provas de estima, na ocasião do triste acontecimento e a honraram com a assistência aos actos fúnebres e às missas celebradas por alma do extinto, mas receando ter cometido alguma falta, vem por este ÚNICO MEIO protestar o seu indelével reconhecimento, a todos quantos a distinguiram com tantas afirmações de solidariedade, que guardará profundamente sensibilizada.

Guimarães, 30 de Julho de 1954.

A FAMÍLIA.

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903 Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

GOMES ALVES, FILHO & COMPANHIA, L^{da}

Com sede em Guimarães

Faz-se público que, por escritura de 24 de Julho do corrente ano, lavrada a folhas 63 v. do meu livro de notas n.º 486, foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada entre Alberto Gomes Alves, casado, comerciante, Armando Humberto Gomes Alves, solteiro, maior, comerciante, e Augusto de Magalhães, casado, empregado comercial, moradores em Guimarães, nos termos e condições constantes dos artigos seguintes:

Primeiro

A sociedade adopta a firma «GOMES ALVES, FILHO & COMPANHIA, LIMITADA» e terá a sua sede na cidade de Guimarães.

Segundo

Data de um de Abril de mil novecentos e cinquenta é dois o seu início e a sua duração será por tempo indeterminado.

Terceiro

O seu objecto é o comércio por junto de acessórios industriais, óleos, correias, etc. e, presentemente, além daqueles artigos, o de papéis, papelões e cartões, balanças automáticas, medidoras, etc., podendo explorar qualquer outro ramo industrial ou comercial, em que os sócios acordem.

Quarto

O capital social é da quantia de cem mil escudos integralmente realizado em dinheiro, dividido em três quotas: uma de cinquenta e cinco mil escudos pertencente ao sócio Alberto Gomes Alves, outra de vinte e cinco mil escudos pertencente ao sócio Armando Humberto Gomes Alves e ainda outra de vinte mil escudos pertencente ao sócio Augusto de Magalhães.

Quinto

Não serão exigíveis prestações suplementares, mas os sócios poderão fazer à caixa social os suprimentos nas condições que forem deliberadas em assembleia Geral.

Sexto

E' livremente consentida a cessão de quotas entre os sócios; para estranhos fica dependente da autorização dos sócios não cedentes.

Parágrafo único

O sócio Alberto Gomes Alves fica desde já autorizado a ceder a sua quota, no todo ou em parte a quem quiser e nas condições que entender.

Sétimo

O sócio que quiser afastar-se da sociedade terá que comunicá-lo a esta por meio de carta registada com aviso de recepção e com a antecedência de seis meses e de modo que a saída tenha lugar no fim do ano; querendo a sociedade adquirir a quota desse sócio, dará a este conhecimento disso dentro de trinta dias a contar da recepção daquela comunicação.

Parágrafo único

Ao sócio que quiser sair pagará a sociedade o que se mostrar pertencer-lhe em face do balanço e da escrituração, pagamento que será feito dentro do prazo de um ano, em quatro prestações trimestrais e iguais, acrescidas do juro da taxa do desconto do Banco de Portugal.

Oitavo

Todos os sócios são gerentes, sem caução ou remuneração, podendo qualquer deles fazer uso da firma social, mas tão somente em assuntos de mero expediente; mas para que a sociedade fique obrigada basta a assinatura do sócio Alberto Gomes Alves ou as assinaturas conjuntas dos outros dois sócios.

Parágrafo primeiro

Se qualquer dos sócios deixar de exercer a gerência, ou porque assim o deseje ou lhe seja imposto, pode também deixar de ser sócio se assim for resolvido legalmente em assembleia Geral.

Parágrafo segundo

Nenhum sócio poderá fazer uso da firma social em assuntos estranhos à sociedade, nomeadamente em letras de favor, fianças e abonações, ficando o contravissor responsável pessoalmente, pelo que assinar, sendo ainda obrigado a indemnizar a sociedade pelos prejuízos que lhe venha a causar com tal acto.

Nono

Anualmente será dado um balanço com data de trinta e um de Dezembro.

Décimo

Os lucros líquidos apurados, depois de deduzida a

ADUBOS-QUÍMICO-ORGÂNICOS "SEIVA"

À BASE DE FARINHA DE PEIXE

NITROPHOSKA — BASF
NITRATO DE CAL — BASF

Insecticidas, Fungicidas e Molhantes **BASF** para todas as culturas, tendo sempre stocks no armazém da conceituada Indústria Química Alemã. **BADISCHE ANILIN & SODA — FABRIK A. G.**

Vinhos tintos e brancos engarrafados e de pipa da afamada região de Basto, da Quinta da «Aveloso».

Vende aos melhores preços o seu proprietário

JOÃO PASSOS BASTOS

nas suas instalações no Largo do Trovador n.º 38-45, nesta cidade. TELEFONE N.º 40224.

OFICINA DE REPARAÇÕES ELÉCTRICAS

Em INSTALAÇÕES de

AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS.

REBOBINAGENS DE DÍNAMOS, MOTORES E TRANSFORMADORES ELÉCTRICOS.

RECONSTRUÇÕES DE BATERIAS, etc.

São garantidos todos os serviços por esta casa executados.

Ribeiro de Oliveira & Mendes

LARGO DA REPÚBLICA DO BRASIL, 43 — TEL. 4689 GUIMARÃES

«CARI»

Casimiro Ribeiro

Obras Públicas e Edificações Gerais

TELEFONE 4609 PEVIDÉM End. Teleg. CARI

percentagem de cinco por cento para fundo de reserva legal e bem assim quaisquer outras percentagens para outros fundos que os sócios resolvam criar, serão repartidos pelos sócios em partes iguais devendo ser suportados na mesma proporção os prejuízos.

Décimo primeiro

Aos sócios é proibido negociar individualmente ou como sócio de qualquer sociedade, no mesmo ramo de comércio ou indústria objecto desta sociedade, devendo todos esforçarem-se o mais possível pelo engrandecimento dos negócios *sociais*, devendo, digo *sociais*, dando a mais completa assiduidade aos serviços da sociedade e pontualidade nas horas de abertura e encerramento.

Décimo segundo

No caso de morte ou interdição de algum dos sócios os respectivos herdeiros ou representante legal ficarão na sociedade com os mesmos direitos e obrigações do falecido ou interdito, devendo os herdeiros ser representados só por um à sua escolha.

Décimo terceiro

Dissolvendo-se a sociedade os sócios serão liquidatários procedendo à liquidação e partilha como combinarem. Na falta de acordo proceder-se-á à licitação verbal os sócios para adjudicação de todo o activo e passivo da sociedade, àquele que melhores vantagens oferecer.

Décimo quarto

No caso de dissolução da sociedade fica acordado que não se atenderá ao valor do trespasse do arrendamento desde que o prédio ocupado seja pertença de qualquer dos sócios.

Décimo quinto

Quando a lei não prescrever prazos e formalidades especiais, as reuniões dos sócios serão convocadas por

Ofertas e Procuras

Terrenos Vendem-se na Av. Alberto Sampaio e Rua Abade de Tagilde. Informa a a Fábrica de Vila-Flor, Telf. 4503. 311

Admitem-se aprendizes para electricista, com idade entre os 16 e 18 anos. Dirigirem-se ao Largo 28 de de Maio, 78-1.º. 318

Aluga-se O 2.º andar do novo prédio, Rua do Anjo n.º 31, próximo ao Toural. Falar Camisaria Martins. 314

CASA — Vende-se

Com 1.º e 2.º andar, quarto de banho devidamente montado, quintal, que dá 4 pipas de vinho, jardim, pomar, água de mina em abundância, uma mata com frente para a Estrada Nacional — na Taipa, Caramos. Falar com João Faria, Farmácia de Regilde, ou Joaquim Rocha, Vila de Felgueiras. 324

Para Pintar paredes

use **MURÁGUA**

uma tinta que se prepara em 10 minutos seca em horas e dura anos

Agente: Domingos Casmo Baptista Vieira Depositários: João Garcia & C^{ia}, L^{da}

GUIMARÃES MÁRIO COSTA & C^{ia}, L^{da} PORTO LISBOA

cartas registadas, expedidas com a antecedência mínima de cinco dias.

Décimo sexto

Os casos omissos regular-se-ão pelas deliberações dos sócios, devidamente tomadas e pelas disposições legais aplicáveis.

Secretaria Notarial de Guimarães, 24 de Julho de 1954.

O Notário,

a) Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas,